

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSOS DE HISTÓRIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA CDHS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL

CATOLICISMO NO COTIDIANO: DISCURSO E REALIDADE

*Trabalho de Monografia, sob orientação da
professora Dra. Christina da Silva Roquette
Lopreato, como exigência para graduação nos
cursos de História da Universidade Federal de
Uberlândia.*

Aluno: Sávio Silva Cunha - 3951481-8

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA - UFU	
N.º	1846
Data	28 / 02 / 2000

UBERLÂNDIA, DEZEMBRO DE 1999

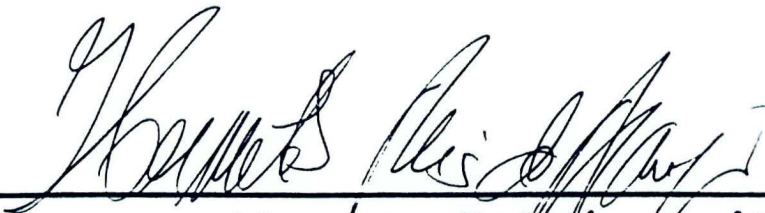
1.563

59
(6)

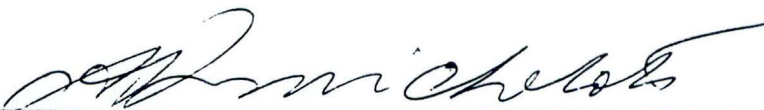
Banca



Christina da Silva Roquette Lopreato (orientadora)



Hermétes Reis de Araújo



Antônio Ricardo Michelôto

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Maria Auxiliadora Silva Cunha, católica, por possibilitar o diálogo, e por tudo. A vida muitas vezes não foi doce, mas você é forte mãe. Obrigado.

Ao meu pai, Guilherme Souza da Cunha, pelo apoio, e por sentir orgulho quando consigo subir mais um degrau:

Ao Silas, meu grande irmão, meu companheiro. Por você que está aprendendo que a nossa alegria pode estar no sorriso das outras pessoas. Em um mundo mal, por você que está aprendendo a ser bom;

À Lilian, por não me deixar sozinho no mundo. A você pela alegria de minha presença, pela paciência, e pelo carinho.

Ao amigo Wilson – que se foi por causa da estupidez humana – pelo sonho conjunto, os projetos, a ajuda nos momentos difíceis. A você por ter existido, e por continuar existindo em nosso pensamento. Há vida após a morte.

Ao André, por ter pedido um parágrafo só pra ele. A você pelas divergências, que também fazem parte de nosso crescimento.

À minha irmã Sandra, pela convivência, e por ter me ajudado na realização deste trabalho.

À professora Dra Christina da Silva Roquette Lopreato pela orientação, sem a qual eu teria me perdido no caminho.

Ao Silvio, Clésio, Serginho, Itamar, João Batista, Leonardo, Edison, Ricardo, Dino...pela amizade, sem a qual seria mais difícil viver.

“A religião não é nem o fruto de uma revelação sobrenatural, nem o resultado de uma gigantesca mistificação organizada pelos padres. Para compreender os fenômenos religiosos, a via não é descer do céu à terra mas sim compreender o céu partindo da terra. Mais claramente, nem as origens, nem os desenvolvimentos e as metamorfoses das religiões poderão ser explicadas senão por uma análise da realidade histórica concreta.”

KARL MARX

ÍNDICE

Apresentação.....	7
Introdução	10
Capítulo I	15
Acreditando no desconhecido	16
Capítulo II	22
Crença como o pressuposto prático de vida	23
Capítulo III	32
Catolicismo, ciência e alienação	33
Capítulo IV	38
Sociedade em mudança, Igreja em mudança	39
Capítulo V	46
A fé inabalável	47
Considerações finais	54
Bibliografia	58

Apresentação

Dizem que os sentimentos não podem ser tratados pela razão, e que o mosaico que compõem o universo mental das pessoas não carece de coerência, nem de lógica. Que seja. Mas tentar compreender a razão da existência de determinados sentimentos nós podemos. E se muitos aspectos de nossa vida real são ilógicos e/ou incoerentes, devemos nos perguntar em que momento tivemos a oportunidade, a capacidade ou a coragem de pensarmos sobre eles, se pudemos os escolher por nossos, ou se simplesmente os aceitamos.

Não devemos cobrar do homem a lição que ele ainda não aprendeu, senão darmos a chance para que ele o faça. O grande mal é a ausência de atividade nos que podem fazer. Mesmo podendo falar, a maioria dos que têm algo a dizer se acostumou ao silêncio.

Se não há verdade absoluta, existem os erros simples de interpretação, das sensações espirituais somadas às materiais, da falta de cultura, das ideologias contemporâneas que, na ânsia de incluírem as pessoas no mundo capitalista, acabam as excluindo socialmente. Se o objetivo da história que queremos é a transformação da sociedade, então é necessário sim lutar contra o pedaço de toda a idéia que impede o homem de caminhar; só este pedaço, porque nenhum mal é absoluto.

Nós moldamos nossa cultura, e nossa cultura nos molda. Por mais pernicioso que possa parecer determinado modo de pensar, retirar simplesmente o indivíduo inserido nele com certeza o condenaria ao nada. Os parâmetros que regem a

existência das pessoas são parâmetros culturais e, independente dos valores éticos ou morais que possuam, são eles que ajudam a formar os indivíduos, que dependem deles para viver. E não é uma nova filosofia que irá sozinha mudar o mundo real, porque a filosofia não alimenta fisicamente o homem, nem põem em seu rosto um sorriso. As idéias não podem aparecer sozinhas, porque mesmo tendo a capacidade de melhorar a vida dos homens, é necessário que eles estejam vivos, para poderem participar delas.

Os intelectuais podem sobreviver de conhecimento, mas é vida que o nosso povo pede. A educação, um dos grandes caminhos para o futuro, vai precisar vir acompanhada de uma nova organização econômica e política, porque mesmo o mundo do saber chora, quando o desespero está presente.

Tratamos agora então de religião, de catolicismo no cotidiano. Não só porque possa ser "ópio" para o povo carente da realização de seus desejos, mas também porque pode ser cultura, resistência e esperança. Enquanto for narcótico que impede o homem de enxergar que as desgraças sociais não são uma provação de Deus ele deve ser combatido. Mas a fé que constrói a crença em um mundo melhor, o aprendizado do respeito pelo próximo e a alegria por viver devem permanecer, não só porque são necessidades de um povo faminto de amor e de pão, mas também porque podem ajudar o homem a ser um dia melhor.

Introdução

Em nosso trabalho, utilizamos a pesquisa oral enquanto fonte documental. No entanto não a elegemos como documento privilegiado de investigação. É claro que se buscamos compreender o catolicismo no cotidiano, o entendimento das experiências do próprio católico se mostra um fato importante. Entretanto, temas que tratamos aqui, como o alheamento do fiel católico com relação à Bíblia e a realização da religião enquanto prática real de vida podem ser buscados também em outras fontes que não orais. A pesquisa, oral em nosso caso, serve como um dos suportes de nosso trabalho, uma exemplificação prática das teorias que esboçamos.

Utilizamos como suporte metodológico na realização da pesquisa oral o livro *História Oral – A Experiência do CPDOC*, de Verena Alberti. Apesar de hoje já ser considerado um “manualzão”, para os objetivos de nosso trabalho ele se mostrou eficiente.

Noções como a da pesquisa qualitativa, onde o interessante não é a preocupação com amostragens e sim a posição do entrevistado no grupo, o significado de sua experiência, foram de grande valia. Na escolha dos entrevistados, preferimos aqueles que, exatamente por seu anonimato, são importantes para a questão que tratamos. Uma pesquisa que procura um certo grau

de generalização deve partir do anônimo, porque a maioria das pessoas são anônimas.

Outra contribuição importante da *Experiência do CPDOC* diz respeito ao número de entrevistados. Quando tratamos de determinado assunto, é humanamente impossível que busquemos a opinião de todas as pessoas que têm algo a dizer sobre ele, principalmente quando falamos em religião. Então, nos preocupamos com dois aspectos: um número de entrevistados que permitisse um certo grau de generalização para os objetivos do trabalho, e o princípio da *saturação*, ou seja, o momento em que as respostas dos entrevistados começam a se repetir. É hora de encerrar a pesquisa.

Outro ponto importante diz respeito ao tipo de pesquisa a realizar, se temática ou de história de vida. Apesar de ambas caberem dentro de uma mesma pesquisa, optamos pela temática, que visa buscar a participação do entrevistado no tema escolhido como objeto, no caso, o catolicismo no cotidiano.

Aprendemos ainda que, mesmo existindo um roteiro prévio de perguntas, ele não é fechado e, portanto, não deve ser seguido à risca. Cada pessoa se comporta de forma diferente diante de nossas indagações, e é esse comportamento peculiar que vai, junto com o roteiro individual, nos guiar durante cada entrevista. É preciso perceber na fala das pessoas discursos que nós, às vezes, não esperávamos. É preciso saber ouvir.

Entrevistamos oito pessoas no período de setembro a novembro do presente ano. Procuramos selecioná-las de forma que pudssemos conseguir um certo grau

de generalização, tanto a nível social como intelectual. A pesquisa foi realizada nas cidades de Campina Verde e Uberlândia, ambas no estado de Minas Gerais. No decorrer do texto, a fala destas pessoas aparecerá em **negrito**.

Como advertência lembramos que nosso estudo sobre o catolicismo no cotidiano abrange apenas o catolicismo tradicional, não vinculado a movimentos dentro de Igreja, como seria o exemplo dos Carismáticos. E ainda, o nosso estudo fala do que está acontecendo hoje, das mudanças que vem ocorrendo dentro da Igreja nos últimos anos, e como é, hoje, o relacionamento Igreja x fiel.

O primeiro capítulo de nosso trabalho intitulado *Acreditando no Desconhecido* fala do alheamento do fiel católico perante a Bíblia, e as razões para isso. Este estudo é importante quando percebemos no discurso católico a importância dada ao Livro Sagrado enquanto "a palavra de Deus escrita".

O segundo capítulo, *Crença como pressuposto prático de vida*, fala da religião católica enquanto explicação da realidade, resistência contra a opressão, e esperança concreta na busca pela felicidade. Sonho sim de viver no paraíso, mas vontade também de viver o agora.

O terceiro capítulo, *Catolicismo, Ciência e Alienação*, mostra algumas outras razões para o distanciamento entre o "catolicismo dito" e o "catolicismo vivido". Fala de exclusão de uma maioria frente aos conhecimentos e descobertas já existentes em nossa sociedade.

O quarto capítulo, *Sociedade em mudança, Igreja em mudança*, fala um pouco sobre a Igreja hoje, sobre sua transformação, e algumas razões para isso.

O quinto e último capítulo, *A Fé Inabalável*, mostra um pouco da história de uma personagem, Dona Vicença. Não que o sentido seja a narração de uma vida, mas porque a religiosidade dela nos ensinou algo a mais sobre o catolicismo no cotidiano.

Capítulo I

CONTENTS

The first part of the book is devoted to a general introduction to the subject of the book. It is divided into two chapters. Chapter I is devoted to a general introduction to the subject of the book. Chapter II is devoted to a general introduction to the subject of the book.

The second part of the book is devoted to a general introduction to the subject of the book. It is divided into two chapters. Chapter I is devoted to a general introduction to the subject of the book. Chapter II is devoted to a general introduction to the subject of the book.

Capítulo I

ACREDITANDO NO DESCONHECIDO

Se nosso interesse no presente trabalho é tentar detectar o desnível entre o “catolicismo dito” e o “catolicismo vivido”, é interessante estudarmos também o grau de aproximação ou não do fiel católico com relação à fonte escrita de toda a doutrina da instituição Igreja Católica: a Bíblia.

Há alguns meses atrás, nesta mesma pesquisa, eu enfrentava um problema metodológico quando tentava apreender os significados das *sagradas escrituras*. Em primeiro lugar, a interpretação dos ensinamentos bíblicos não poderia partir de minha própria razão, de meu modo de enxergar o mundo. Se assim o fizesse estaria, por um lado, buscando uma visão que me fosse interessante e, por outro, enquanto não católico, acabaria por descaracterizar o trabalho proposto, visto que os desdobramentos práticos da religião devem ser entendidos por aqueles que participam dela. Em segundo lugar, a interpretação oriunda de dentro da Igreja, através de seus sacerdotes, também não era interessante, sendo que existe uma diferença entre o que o catolicismo oficial ensina e o que o fiel apreende e põe em prática. As palavras dos padres, que ecoam pelos salões durante as missas, sofrem um tipo de transformação de sentido quando chegam ao universo mental do católico. É a vida real, que age também no campo da religião.

um tipo de transformação de sentido quando chegam ao universo mental do católico. É a vida real, que age também no campo da religião.

Sendo assim, o que me restava era buscar a interpretação do próprio fiel, através de estudos de outros autores, e da pesquisa oral. O resultado não foi exatamente surpreendente: a maioria dos católicos não conhece a Bíblia (lembramos que é o católico tradicional o objeto de nosso estudo, aquele não vinculado a movimentos dentro da igreja, como é o caso dos carismáticos). As razões que conseguimos encontrar para isso foram quatro:

- 1) A própria Igreja Católica tomou para si o papel de interpretar e divulgar os santos ensinamentos;
- 2) O analfabetismo e o semi analfabetismo;
- 3) A ausência de uma cultura literária no país;
- 4) A dificuldade em se entender os textos bíblicos, muitas vezes considerados pelos leitores como anacrônicos e metafóricos.

Se falarmos em termos gerais, entenderemos um pouco o porque da interpretação bíblica ocorrer dentro das paredes da igreja. A Bíblia Católica, com seus 73 livros (46 no Antigo Testamento e 27 no Novo Testamento) foi escrita entre 1250 a.c. a 100 d.c. Até o início do século IV, o cristianismo era visto como uma seita que, muitas vezes, ia de encontro aos interesses dos governos, e estes perseguiram os seguidores daquela. "Em 313 assistimos a uma reviravolta no que diz respeito aos cristãos dentro do Império (romano). Constantino, que atribui a vitória militar sobre seu rival à intervenção milagrosa do *Deus dos cristãos*,

concede liberdade religiosa a todos os habitantes do reino..."¹, através do "Édito de Milão". Começava o período de ascensão do cristianismo, beneficiado também quando em 380 d. c. o Imperador Teodósio (379-395) o proclama enquanto "religião de Estado". Cismas a parte, a Igreja Católica - braço maior do antigo cristianismo - que conta hoje com mais ou menos um bilhão de fiéis espalhados pelo mundo, cresceu rápido, e o seu relacionamento com o Estado, denominado CRISTANDADE, durou quinze séculos, da proibição do culto pagão na vida pública de 391 d. c., às revoluções que introduziram a contemporaneidade.

Durante a Idade Média, a Igreja se tornou grande força política e cultural, diante de uma população maciçamente analfabeta e excluída da vida pública. Assim, os ensinamentos religiosos e a interpretação dos textos sagrados ficava a cargo dos sacerdotes, sendo que o conhecimento que o fiel tinha de sua religião advinha da fala dos padres, e da tradição oral familiar.

O Brasil que não viveu o feudalismo, mas que nasceu quando este na Europa morria, viu acontecer na constituição do catolicismo nacional fato semelhante. A população que aqui vivia (índios, africanos e portugueses) quando da chegada dos Jesuítas era constituída em sua esmagadora maioria de analfabetos, Com formas culturais e cultos religiosos diversos. Não muito longe de nossa época, mesmo durante o advento da República, a

¹ MATOS, Henrique Cristiano José. *Caminhando Pela História da Igreja*. Belo Horizonte: O Lutador, 1995, p.36.

problemática da sociedade iletrada preocupava os políticos, interessados é claro na constituição de um contingente de mão de obra para a indústria nascente.

Diante dessa população – que desde o cristianismo em seus primeiros anos, passando pela igreja medieval com sua força política e cultural, até o nosso século, da industrialização ao neoliberalismo – que não primava e nem prima pelo conhecimento das letras, e é alijada do processo institucional de educação, coube à própria igreja o papel solitário de interpretar e dar sentido aos textos contidos nas escrituras sagradas.

O Brasil, segundo dados oficiais, possuía, em 1990, 17,8% de analfabetos. Em verdade nós sabemos que essa porcentagem é bem maior, e que muitas vezes são considerados (pelos governos) alfabetizados aqueles que ensaiam as primeiras leituras e conseguem desenhar o próprio nome. O conhecimento que essas pessoas possuem da Bíblia vem, na sua maior parte, da fala dos padres, e da tradição oral familiar.

Eu sou analfabeta, não leio não... eu gosto quando seu Valter vem ler pra mim, vem aqui em casa ler a Bíblia, comentar a Bíblia, eu acho bom. ... minha mãe me ensinou muito... ir à igreja, na missa, respeitar os mais velho... quando dá eu vou à missa ouvir o padre, pra mim é difícil né, por causa da cadeira (de rodas)²

➤ Outro problema que levantamos para o alheamento do fiel católico perante a Bíblia é a ausência de uma cultura literária no Brasil. Vários são os fatores para

² Entrevista com a Sra. Maria Vicença Moreira dos Santos, realizada em novembro de 1999.

isso e nós vamos apenas citar alguns, visto não serem objeto prioritário de nossa pesquisa.

→ A tecnologia criou o “conhecimento” pronto, mastigado. A televisão invade nossos lares despejando em cima de nós seus sons e imagens. A interpretação dos acontecimentos é prévia, e o nosso papel é simplesmente o da digestão das idéias que são anteriormente criadas. Vivemos a cultura do visual, do “out-door”, de assimilação imediata. É a geração que aprendeu a ter preguiça de refletir.

→ Por outro lado, a própria escola, que tem no livro didático sua mola-mestra, não é fonte de aprendizado da leitura fora dos campos didáticos. O aluno aprende a ler pelo resultado de uma futura avaliação. Os livros não escolares, sem aquelas letras garrafais e figuras coloridas, são bem pouco atrativos.

→ Outros problemas podem ser citados como a falta de cultura intelectual, a dificuldade de acesso aos livros, a ausência de uma cultura literária familiar, etc. O brasileiro, em geral, não possui o hábito de ler.

A última das questões que levantamos é a dificuldade das pessoas que conseguem fazer uma leitura da Bíblia em compreendê-la. O Antigo Testamento é a história de um povo, o povo hebreu. Devido a distância histórica entre aquela época e a nossa, as histórias relatadas se tornam anacrônicas, com um sentido difícil de apreender. Por outro lado, livros como o Apocalipse do Novo Testamento, com seus dragões, nuvens de gafanhotos e selos, possuem uma linguagem metafórica que assusta até a hierarquia católica.

Em uma conversa informal com uma de nossas entrevistadas, ela disse que, ao perguntar ao padre o sentido do Apocalipse, este lhe respondeu:

- Isso você não pode entender agora minha filha, só após a sua morte é que você vai compreender.

O Apocalipse é segundo a gente já ouviu muitos comentarista falar, diz que é a parte mais difícil da Bíblia, que pouca gente lê a Bíblia, lê o Apocalipse, foi uma revelação divina, então ela é a parte mais complicada...eu li só uma parte lá ainda, que é sobre...ele falando das igreja lá, das sete igrejas tal, e isso eu não sei explicar, já li demais essa parte aí e nunca tenho explicação.³

Se demonstramos a alienação do fiel católico perante a Bíblia, não o fizemos como crítica a estas pessoas. Não é culpa delas se o nosso sistema econômico excludente as impede de terem uma educação escolar; não é culpa delas que a modernidade virtual vá acabando, em ritmo acelerado, com o interesse pelas letras; e não podemos cobrar-lhes o conhecimento de um livro enigmático para a própria hierarquia católica. O interessante é compreendermos a criação de uma valorização da Bíblia. Criação tão bem organizada que, mesmo um analfabeto, que nunca leu nem o próprio nome, a considera como o livro mais importante do mundo. E isso é triste. Seria bom se pudéssemos, como disse Gramsci, "elaborar a própria concepção do mundo, consciente e criticamente e, por conseguinte, em conexão com o trabalho do próprio cérebro, escolher a própria esfera de atividade,

³ Entrevista com o Sr. Walter José da Cunha, realizada em setembro de 1999.

participar ativamente na produção da história do mundo, ser guia de si mesmo e não aceitar passiva e supinamente, do exterior, a marca da própria personalidade".⁴

Mas isso não acontece, e não é culpa das pessoas, pelo menos não da maioria.

Capítulo II

⁴ GRAMSCI, Antonio. Problemas do Materialismo Histórico. In: **Obras Escolhidas**. São Paulo: Martins Fontes, 1982, p 21-22.

CLASSE COMO PRELUSTRO PRÁTICO DE VIDA

Capítulo II

CRENÇA COMO PRESSUPOSTO PRÁTICO DE VIDA

Todo ser humano precisa acreditar em algo, conceber que em um mundo onde imperam as desgraças sociais exista algo, ou alguém que olhe por ele. Em seu universo mental, a esperança em que ainda exista um caminho.

Todos nós queremos ser felizes, qualquer que seja o conceito de felicidade que cada um tenha, e precisamos de pressupostos para buscarmos essa felicidade. A religião é um destes pressupostos e a variação no grau de realização dela em nossas vidas depende também da posição econômico-social em que nos encontramos, de nosso grau intelectual, de nosso senso crítico e de nossa situação imediata de vida. Depende "também" porque não é só a miséria física e intelectual que faz com que as pessoas procurem Deus. Existe também o sentimento de pequenez de um ser que não consegue entender nem controlar os fenômenos de uma natureza infinitas vezes maior que ele, além da incapacidade do homem moderno de governar sua própria vida frente a uma organização social que está fora dele, e além dele.

A crença religiosa pode ser como a membrana plasmática de nossas células eucariontes. Esta busca no meio externo os produtos que necessita, e excreta aqueles que, no momento, não lhe servem. A realização real da crença religiosa

está sujeita ao que desejamos na vida, e ao que o mundo externo consegue nos oferecer. Quando as possibilidades do meio social não são desejáveis, buscamos alternativas, demonstrando uma resistência que, mesmo não formulada metódica e objetivamente, expressa a fé do ser humano em um mundo de menores tristezas. Mesmo carregando nossas fraquezas e ressentimentos, continuamos a acreditar que em algum lugar existe o bom, que em algum tempo surgirá o bem.

Karl Marx, na *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, disse: "A angústia religiosa é, por um lado, a expressão da angústia real e, por outro, o protesto contra a angústia real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, a alma de um mundo sem coração, tal como é o espírito de condições sociais de que o espírito está excluído. Ela é o *opium* do povo"⁵.

Em nosso país, e em todo o mundo imperam as sociedades da exclusão e mesmo que a maior solidão do homem moderno seja a material, não é só a indigência que constrói o vazio dentro do intelecto humano. Falta-nos amigos, amor, carinho, alegria, coisas que a tecnologia moderna não conseguiu nos dar. Sobrevivemos todos na incerteza e na dor de não sabermos como será amanhã, de não podermos prever mesmo se existirá o amanhã. A diferença é que a maioria chora sob a chuva, enquanto uns poucos enxugam as lágrimas no interior de seus carros importados.

Para as pessoas socialmente excluídas, a crença religiosa não parte apenas de uma incerteza, ou de uma busca por felicidade. É mais que isso; é uma

contestação contra a realidade massacrante e o sistema econômico que fazem transbordar de tristeza o coração dos que vivem sob a exploração do capitalismo. É um grito por vida em um mundo de morte.

A fé no universo religioso, inclusive o católico, não se apresenta apenas como um quadro transcendental, onde desfilam anjos aos sons dos clarins, por sobre brancas nuvens de um paraíso celeste. A eterna dúvida do ser humano frente à toda lógica, organização e funcionamento do mundo em que vive pede respostas. O cotidiano, com seus problemas, lutas, anseios e decepções é o cenário onde o personagem esqueceu a fala. Mais do que conseguir se expressar, o fiel busca também um papel na trama, para que não passe a vida inteira sendo um mero espectador. Os problemas da vida real existem de fato, e precisam ser resolvidos. Quando o emprego é perdido, a política engana, o aluguel se atrasa e a saúde vai mal, sobra a religião.

“A conversão religiosa nasce de uma experiência que está fora do sagrado. O indivíduo vai ao médico e este não o cura, leva uma vida pautada por tudo aquilo que acredita dele se esperar e de repente vê escorregar por entre os dedos a segurança e a certeza de poder até mesmo prover-se materialmente e à sua família, persegue objetivos mezinhos e não os alcança, sofre perdas emocionais e enfrenta-se com a morte mas não é capaz de atinar com seu sentido. A religião supre aquilo que o mundo profano não dá.”⁶ E o mundo “profano” não dá muitas

⁵ MARX, Karl. Crítica da Filosofia do Direito de Hegel. In: *Sobre a Religião* (Marx e Engels). Lisboa: Edições 70, 1972, p.46.

⁶ PIERUCCL, Antônio Flávio e Prandi, Reginaldo. *A Realidade Social das Religiões no Brasil*.

coisas, e até o alimento para a manutenção da vida física muitas vezes falta. Então, a maior parte da população brasileira e mundial, que pensa a nível de estômago, encontram na religião não só um pouco das respostas procuradas, mas também um sentido para a vida, e uma esperança para que o prato deixe de estar sempre vazio.

#

Falando da realização prática da crença religiosa no universo católico, poderíamos nos perguntar: De que catolicismo estamos falando? Trata-se da religião oficial ou da religião popular?

Maria Isaura Pereira de Queiroz diz que “apesar de se poder distinguir no Brasil uma religião oficial e uma religião popular, o catolicismo brasileiro forma um conjunto integrado. Não há separação nítida entre suas variantes”⁷. Dada a falta de sacerdotes suficientes para levar os “santos ensinamentos” à toda a população na constituição do catolicismo brasileiro, e ao próprio nível cultural de nosso povo naquela época, aliados às tradições regionais, os ensinamentos religiosos acabaram sofrendo uma transformação, advinda de sua reinterpretação popular, através do modo de vida social e cultural no qual estavam inseridos. Essa transformação não se limitou ao passado, e ainda hoje existe um distanciamento entre o que a hierarquia católica diz, e o que fiel apreende e/ou pratica no dia a dia.

São Paulo: Hucitec, 1996, p.17.

⁷ citado por Marco Antonio Villa. *Canudos – O Povo da Terra*. São Paulo: Ática, 1997, p.36. O autor não menciona a obra de onde retirou a citação.

Como dissemos no capítulo anterior, a maioria dos católicos não conhece a Bíblia. Seja pelo grande número de analfabetos e semi-analfabetos existentes em nosso país, seja pela ausência de uma cultura literária ou ainda pelo fato de a própria Igreja ter tomado para si o papel de interpretá-la, ou mesmo pela dificuldade em se tentar entender a linguagem, muitas vezes anacrônica e metafórica dos textos bíblicos, os conhecimentos do católico sobre sua religião advém, na maior parte, da fala dos padres e da tradição oral familiar.

É claro que não é só a Bíblia que forma sozinha o universo religioso. Existem as missas, o catecismo, o batizado, a crisma, o casamento e as festas religiosas. Ainda assim, todos estes rituais, além de fazerem parte do cotidiano do fiel, inserem-se em sua vida como realizações práticas de determinado modo de viver, e os significados de todas essas realizações vão além de um caráter simplesmente de além-vida, de sobrenatural.

Diante disso tudo, podemos tratar o catolicismo brasileiro como popular, porque é no meio do povo que vamos encontrá-lo, onde vida real e religião formam um quadro peculiar. Nem todo o catolicismo é popular, mas o "povo" constitui a grande maioria dos católicos brasileiros e, no momento, é a sua religiosidade que nos interessa.

"A religião popular encontra ressonância na vida do povo e se volta para a vida aqui na terra"⁸. O catolicismo, no universo popular, é uma religião prática.

⁸ LOPREATO, Christina da Silva Roquette. *Milagres da Fé*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999, p.58.

Preocupa-se, é claro, com a relação entre o homem e Deus, mas dá importância também ao desenvolvimento da vida real, da realização material da vida.

Quando é em problema de família, quando, por exemplo, a gente tá com a família doente, um desentendimento em família, que tá muito comum hoje a família entrar em atrito; então eu peço muito nessas hora...⁹

A fé se mostra notadamente presente em momentos de angústia e sofrimento, e quando o fiel passa por algum tipo de necessidade. ...eu rezo também pelos necessitados... graças a Deus tudo o que eu peço Deus me dá.¹⁰ Por mais que o mundo moderno tenha descoberto curas para doenças, técnicas para a alta produtividade dos campos, meios de comunicação de massa e entretenimentos para o lazer humano, a distribuição desigual de todas estas conquistas deixa a grande maioria dos homens e mulheres perecerem sozinhos, calados e com fome, observando sem graça o espetáculo do egoísmo humano, inclusive o nosso, que a cada dia mais os deleta do banco de dados da existência. Então, nesses momentos, a fé é mais forte, porque mesmo que a dor exista, ainda há um caminho. A última esperança humana está nas mãos de Deus, porque Ele está acima dos defeitos dos homens, acima do capitalismo.

Os problemas que o cotidiano coloca para o católico precisam de solução. No moderno mundo dos solitários, onde a maioria luta sozinha para poder comer, ter saúde e paz, a religião pode se tornar uma das únicas estradas possíveis porque, na maioria das outras, o pedágio é caro demais.

⁹ Entrevista realizada com a Sra. Aparecida Silva em novembro de 1999.

Antônio Flávio Pierrucci e Reginaldo Prandi, falando sobre conversão religiosa em seu livro *A Realidade Social das Religiões no Brasil*, dizem que entre as pessoas que se convertem à religiões de alto grau de sacralidade, "De comum, há a procura de respostas a problemas cotidianos de uma população em geral pobre, mas que por serem cotidianos não deixam de ser últimos, *ultimate concerns*, respostas ao sofrimento, à dor, à fragilidade da condição humana, à injustiça..."¹¹ Poderíamos estender essa procura por respostas também entre os católicos tradicionais, se bem que elas perdem, no caso, o sentido de respostas imediatas.

#

As relações entre a dualidade "catolicismo dito" X "catolicismo vivido" e o modo real de vida nas condições existentes em nossa sociedade se estabelecem com as próprias barreiras que essa mesma sociedade impõem ao indivíduo comum para o seguimento da doutrina católica. Como dar "a outra face" ao ladrão que invade nossas casas, nos rouba e maltrata nossa família? Como sermos serenos se chegamos em casa e nossos filhos choram de fome? O indivíduo, por mais que queira seguir os preceitos de sua Igreja, enfrenta o problema de ter que viver no seio da "religião capitalismo". No mundo da competição, ou ele dá também alguns socos, ou vai a nocaute e morre.

¹⁰ Entrevista realizada com a Sra. Maria Vicença Moreira dos Santos em novembro de 1999.

É como diz na Bíblia...são largas a porta que leva o mal, a porta que leva o bem ela é mais estreita e os caminhos são mais cheio de espinho, porque o mal é facim, você... esses dia eu conversando com um crente ele falou que toda criança tudo gosta do que num presta. Não, não é. A criança vê mais o que não presta do que ela vê o que presta. Então é aonde que eles falam que a criança aprende muita coisa que não presta, mas é o que eles vê, ué! Por exemplo sê vê ele lá de frente a televisão... Então a distância entre o dito e o vivido não é só social, mas também cultural. Educado pela família e pelo meio social, o indivíduo provavelmente se afiliará à religião de seus pais, e de seu grupo social. Mas é também essa mesma família e este ambiente social que irá introduzi-lo nos padrões de pensamento e comportamento então existentes no universo em que vive. As lições de respeito ao próximo, de condenação da ganância e de valorização da amizade e fraternidade, por exemplo, vêm juntas com a imagem da *Tiazinha* na televisão, do prêmio acumulado da mega-sena, e do mauricinho que passou correndo com seu carro em uma poça de água e molhou nossas calças. No embate entre religiosidade e vida social, o homem precisa das duas e, de uma forma ou de outra, as duas acabam existindo juntas. Aqui a distância entre o que se diz e o que se faz é determinada pela necessidade em se adequar a determinado ambiente social, a determinado modo de viver.

¹¹ PIERUCCL, Antonio e PRANDI, Reginaldo. Op. Cit. P.16.

CRISTIANISMO, CIÊNCIA E ALIENAÇÃO

Capítulo III

CATOLICISMO, CIÊNCIA E ALIENAÇÃO

A ciência, o capitalismo, a tecnologia, a modernidade, e vários outros sistemas ou conceitos que ajudam a explicar a situação de vida em nossa sociedade presente são fatores de distanciamento entre o modo real de vida do católico e sua crença religiosa.

Em tempos mais remotos a condição do homem frente à natureza o colocava em inferioridade infinita, e todo ele se transformava em uma grande interrogação. A figura de um deus, uma religião, foi o elo que primeiro ligou o ser humano ao restante do ecossistema. O homem ,então, passou a encontrar algumas respostas para a origem, o significado e a finalidade de tudo o que existia, sensíveis ou não.

A humanidade foi aprendendo mais sobre o mundo em que vivia, e no decorrer dos passos tortos da história começou a entender que poderia obter o significado das realizações terrestres por meios não teológicos. Enfim chegamos ao mundo virtual e já conhecemos o ciclo das águas. Por mais que se queira por a chuva imediata à cargo da vontade divina, muitos de nós já conhecemos os fenômenos químicos e físicos que possibilitam que ela escorra por nossos cabelos, molhando a face que ainda pergunta, mas que já descobriu muito.

Essa mudança de pensamento não ocorreu e nem ocorre de forma rápida, e nem mesmo os que acreditam no “funcionamento livre da natureza”*, ainda colocam Deus envolvido no processo. Durante a realização de nossa pesquisa oral, notamos que a maioria dos entrevistados não acreditava que, por exemplo, “a chuva que caiu ontem foi mandada por Deus”. Ainda assim, o discurso corrente é o seguinte: “Deus fez a natureza tão perfeita que ele não precisa se preocupar com ela a toda hora. As coisas funcionam sozinhas”. Não estamos com isso querendo afirmar que a maioria dos católicos possui esta visão. Neste campo e também em outros, que não o dos fenômenos naturais, é comum, mesmo entre não católicos, a crença de que os acontecimentos estão a cargo da vontade divina.

Sem procurar discutir aqui as razões para isso, e voltando a falar do papel da ciência no processo de explicação da realidade fora do campo teológico, diríamos que esse mesmo processo não acontece a nível geral, porque, é claro, o mundo não “evolui” em conjunto, e que quem sabe no universo mental de muitos de nós, talvez a maioria, sobreviva ainda aquela pergunta global que habitou o pensamento de nossos ancestrais. A causa disso é mais cultural que econômica. É econômica também, quando retira da maioria absoluta o direito de pensar fora dos campos da simples sobrevivência; mas é majoritariamente cultural (aqui economia e cultura se interagem), ao favorecer a alienação das pessoas frente a todo o conhecimento que o pensamento e a curiosidade humanas já conseguiram construir.

* Ou seja, que o ciclo contínuo de vida e perpetuação das espécies, das chuvas, do crescimento das

Nesse meio, o próprio processo de educação social tem papel importante. O projeto excludente do neoliberalismo constrói a subalternidade consentida, ou inconsciente. “O modelo excludente só necessita de poucos...os demais só precisam ser adestrados para bem se comportarem, mantendo-se dóceis à dominação.”¹³

Discutir se é mesmo Deus que mandou a última chuva é complicado, mas o problema maior é quando, por exemplo, uma mulher que perdeu os oito filhos que morreram de fome diz: “Foi por que Deus quis assim”. A sua situação real de vida não lhe permite enxergar os verdadeiros motivos de sua miséria física. Mesmo sofrendo a dor de suas perdas, tendo que chorar de tristeza e de fome, ela não consegue perceber que o que faz faltar a muitos o pão de cada dia é a ceia farta do grande empresário. A questão da vida e da morte é decidida em patamares bem “humanos”, bem terrestres.

Alienados das condições básicas de sobrevivência e dos conhecimentos já produzidos, o fiel católico – que em sua maioria é pobre – mantém a esperança de poder viver bem e a busca explicação para o próprio modo de vida através de sua religião. Portanto, se Jesus sofreu na cruz, nós também devemos sofrer. **Jesus disse que, pega a sua cruz e siga-me.**¹⁴ Na verdade não é só que exista uma necessidade de sofrer; o que acontece é que mesmo o sofrimento real carece de explicação

plantas, etc, é auto-suficiente, sem carecer de auxílio imediato para que funcione.

¹³ GARCIA, Regina Leite. A educação numa plataforma de economia solidária. In: Revista Proposta, n°74, 1997, p.51.

Se uma pessoa acredita que o seu sofrimento é uma “provação”, e se ela aceita essa provação, então a dominação se torna possível, porque a explicação da exploração do homem pelo homem passa a não seguir por uma via humana. Nesse caso, não é a religião católica que é – como disse Gramsci – “inútil”, e sim a própria ciência. Se as construções do pensamento e da curiosidade humanas, por mais avanços que possam trazer para o progresso social, não conseguem chegar à maioria, então na verdade é como se não existissem. E se existe o sentimento de “provação”, de um sofrimento inevitável, isso se tornou possível pelo próprio funcionamento de nossa sociedade.

Dentre as muitas maneiras que temos de explicar a nossa realidade presente e de, se possível, modificá-la para melhor, poderíamos também enumerar o catolicismo. A culpa pelas desgraças sociais, que fazem com que a maioria das pessoas vejam o mundo passar sentadas às beiras das estradas deve ser imputada ao próprio homem..

Marx, falando da abolição da religião na *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, disse que “Exigir que ele (o homem) renuncie às ilusões acerca de sua situação é exigir que renuncie a uma situação que precisa de ilusões. A crítica da religião é pois, em germe, a crítica deste vale de lágrimas de que a religião é a auréola”¹⁵. Um dos pontos é este mesmo. Se o católico (e também o não católico) vive um processo de exclusão social constante, e se é também alijado do conhecimento científico, como não querer que suas explicações sejam buscadas na

¹⁵ Entrevista realizada com a Sra. Maria Vicença Moreira dos Santos em novembro de 1999.

religião? Se o alimento falta em sua mesa, a quem mais ele pode pedir ajuda senão a Deus para que não morra de fome? Se a alienação começa pela Igreja, nós não vemos assim. É tudo o que falta antes em sua vida que conduz o fiel a buscar por socorro divino.

#

O outro ponto, que é a nossa discordância com Marx, é que a religião é também importante para o ser humano. Noções como a de solidariedade, justiça, fraternidade são um exemplo, e não foi a Revolução Francesa que as trouxe; bem antes do marco que terminou com a Idade Moderna, elas já existiam. O problema do catolicismo hoje não está na bondade que prega, mas na maldade do mundo em que se insere. Se as ilusões não fossem ilusões, "nossa" religião talvez pudesse realmente nos ajudar na construção de um mundo melhor.

Capítulo IV

¹⁵ MARX, Karl. Op. Cit. p.46.

SOCIEDADE E MUDANÇA, IGREJA EM MUDANÇA

*"Assim como era no princípio, agora e sempre, por todos os séculos dos séculos". Entretanto religiões mudam, sempre mudaram.*¹⁶

Falando em mudança, começamos lembrando a Bíblia, depositária da doutrina cristã. Gramsci, citado por Hugues Portelli em seu livro *Gramsci e a Questão Religiosa*, disse que "Um católico integral – isto é, que aplicasse em cada ate de sua vida as normas católicas – pareceria um monstro"¹⁷. Sem discutir a *monstruosidade* de um possível católico integral, lembramos que os católicos, mesmo aqueles que consideram "a serpente" como uma metáfora ou estranham ao ler o Apocalipse, consideram a Bíblia como a Palavra de Deus, norma de vida a ser seguida. Talvez tenham aprendido isso com os pais, ou com os padres, num passado não distante, onde a Bíblia, sem qualquer de seus "H", não seria completa. É a oração de Glória ao Pai: "Assim como era no princípio, hoje e sempre, por todos os séculos dos séculos".

¹⁶ PIERUCCI & PRANDI. Op. Cit, p.9.

¹⁷ PORTELLI, Hugues. Op. Cit. P.28.

E, no entanto, isso mudou. A própria Igreja hoje adverte o fiel, leitor da Bíblia sobre a interpretação de seus textos, quanto ao sentido das palavras e o modo como podem servir ao católico.

Na introdução ao Pentateuco – os cinco primeiros livros do Antigo Testamento (o *Torá* para os Judeus), ou seja: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio – da Edição Pastoral da Bíblia Sagrada, publicada em 1990 pela Edições Paulinas, existe uma nota, uma advertência ao leitor com relação às leis contidas nesta parte do Livro Sagrado: “As leis pertencem a várias épocas e são diretivas para o povo nas diversas etapas da sua história. Todas elas porém, procuram, em circunstâncias diferentes, conduzir a uma prática que reflita o ideal proposto pelas normas básicas do projeto de Deus: a libertação do povo e a formação de uma sociedade onde haja liberdade e vida para todos. Essas leis, portanto, não são perenes e intocáveis, mas expressam um momento determinado da vida, com os conflitos que existiam dentro do povo de Deus.”¹⁸

Essa nota, além de discorrer sobre o modo como devem ser lido os textos bíblicos, demonstra uma aproximação da Igreja Católica com o fiel, uma preocupação com sua vida, com a “libertação do povo”. A religião, que no caso do protestantismo, segundo Max Weber, “iria influir no desenvolvimento do estilo de vida capitalístico”¹⁹, que possibilitou a divisão do trabalho, a probabilidade de lucros, a riqueza – que só existe se houver pobreza -, é vista aqui como agente

¹⁸ BÍBLIA SAGRADA (edição pastoral). São Paulo: Edições Paulinas, 1990, p.12.

¹⁹ WEBER, Max. A Ascese e o Espírito do Capitalismo. In: *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1982, p.119.

libertador, porque "Não podemos esquecer que a lei deve servir ao povo e não ser instrumento de opressão contra o povo: O Sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado (Mc 2,27)"²⁰.

Essa aproximação e/ou preocupação com o fiel não se restringe somente ao campo bíblico. A Igreja Católica que, num passado distante, já participou do Estado, e que fez sua união com ele – a CRISTANDADE, que durou quinze séculos - , mudou substancialmente a forma como os ensinamentos bíblicos, de "N" interpretações, são utilizados. Em nosso país, em épocas atuais, podemos notar isso nas campanhas veiculadas pela CNBB, por setores da igreja que apoiam O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), e pela ação social de grupos católicos no combate à miséria social.

Ainda mais, longe dos tempos da Inquisição, e em época de relativa liberdade de pensamento, a Igreja hoje está mais aberta em seu relacionamento com a ciência. Para Gramsci, isto é um artifício que a própria Igreja se utiliza para que não exista uma religião dos "intelectuais" e uma religião dos "simples", já que existe um "processo histórico que transforma toda a sociedade civil"²¹. Então, a sociedade muda, e a Igreja Católica tem que acompanhar esta mudança. Falando sobre os Jesuítas, Gramsci diz que eles "imprimiram à Igreja um movimento progressivo que tende a dar certa satisfação às exigências da ciência e da filosofia,

²⁰ Bíblia Sagrada, op. Cit. P.12.

²¹ GRAMSCI, Antonio. Problemas do Materialismo Histórico. In: Obras Escolhidas. São Paulo: Martins Fontes, 1980, p.25.

mas com ritmo de tal forma lento e metódico que as mutações não são percebidas pelas massas dos simples”²².

Vendo dessa forma, a mudança que ocorre na Igreja Católica hoje se comporta como uma necessidade de se adequar à uma nova organização social, à uma ciência mais evoluída, a um novo tipo de homem. É claro que se os “simples” não perceberam algumas das mudanças, muitas outras ocorreram exatamente por causa deles. Esta é uma razão para a “aproximação” entre a Igreja Católica e o fiel, que pode ser explicada pelo crescimento de religiões com alto grau de sacralidade, como é o caso do Candomblé, do Espiritismo e, principalmente, das religiões Pentecostais, como a Igreja Universal do Reino de Deus.

Se o católico aprende que existe o inferno e o paraíso; se existe uma promessa de uma vida melhor para os que se arrependem dos pecados; se a salvação da alma está em seguir os caminhos de Cristo e as palavras da Bíblia, certo. Mas existe a vida real com seus problemas. O Paraíso vai ser bom, mas e o agora? A Igreja Católica perdeu grande parte de seu grau de sacralidade e entrou no processo secularizante. Então, outras religiões surgiram e/ou cresceram. Para Procópio Camargo, citado por Pierucci e Prandi em seu livro *A Realidade Social das Religiões no Brasil*, esse surgimento e/ou crescimento “corresponde a um momento de aceleração do processo de mudança social das últimas décadas, mudança que é secularizante mas extremamente excludente, promissora mas frustrante, massificada, fragmentária, dissociativa”. Então o homem, “abandonado

²² idem, p. 26.

por sua religião”²³, se converte. Quando ele buscou respostas e um melhor viver em vários setores e organizações da sociedade e não encontrou, ele procurou no catolicismo. Não encontrando também ali, ele foi embora.

A Igreja Católica tem enfrentado esse “esvaziamento” de algumas maneiras. Como já dissemos, uma delas é sua participação em movimentos sociais, que visam a melhoria da qualidade de vida das populações socialmente excluídas. Outra é representada pelo movimento Carismático, que tenta reintroduzir a sacralidade na doutrina católica. Mas a mais recente e hoje mais famosa é a “Missa Show”, os grandes espetáculos de músicas religiosas que lotam estádios inteiros, onde as pessoas cantam e dançam guiadas por um padre-cantor. O maior expoente desse movimento é o padre Marcelo Rossi, semanas inteiras com seu CD entre os mais vendidos do país, e constantemente presente nas telas das televisões. Na era do software e da comunicação de massa, a Igreja também adere à tecnologia que a ciência criou, para fazer a sua propaganda. A tradição sozinha não é mais suficiente, porque os caminhos são mais numerosos.

Na Idade Média, a Igreja Católica era única. Existiam, é claro, ritos populares, como a feitiçaria, mas que não conseguiam abalar as estruturas daquela, com seu poder cultural e político. A população em sua maioria absoluta era analfabeta e a Igreja é quem dava as respostas finais. Hoje, aqui, e também em outras partes do mundo, o catolicismo tem que dividir a atenção com a ciência,

²³ PIERUCCL, Antonio e PRANDI, Reginaldo. Op. Cit. P.26.

com o capitalismo, as outras religiões e, é claro, com a televisão. Além disso, e por isso, as respostas têm que mudar, porque as perguntas já não são as mesmas.

#

As regras de comportamento são cada vez mais ditadas pelo mercado e não pela religião católica. Mesmo que à noite, em oração, o homem peça pela humanidade, no dia seguinte ele vai precisar tomar um ônibus lotado – onde diz alguns impropérios ao outro que pisou no seu pé – para chegar ao serviço mal remunerado, mas que alimenta a sua família. É difícil amar o patrão que explora, o ladrão que rouba, o policial bandido ou o político corrupto. Se a televisão ensina que podemos conseguir tudo que queremos (à modo dos atores, cantores e jogadores de futebol) se lutarmos, então assim viveremos. Como em uma novela, um conjunto de pagode ou um time de futebol o número de participantes é limitado, então que cheguemos primeiro porque ninguém quer ser pisoteado na correria e ficar de fora.

A distância entre o que dizemos e o que fazemos é também determinada pela vontade de sobreviver, e pelas ideologias consumistas de nossa sociedade, que distorcem os sentidos do que é importante. Apenas como ilustração disto, criamos o diálogo abaixo:

- Como era bonita aquela moça da TV, e o que ela estava comento parecia bom!
- Que que foi meu véio?

- Tô pensando aqui. A luz foi cortada e daqui a pouco anoitece...probrema não, mês que vem a gente paga a conta.
- Tá chorando?
- Tô, eu tenho fé mas tô com fome, e queria viver mais. Mas aquela moça da TV era realmente muito bonita!

A fé pode ser grande, e a salvação da alma pode ainda ser o maior sonho de muitos, mas o homem vive em uma sociedade que exclui e massifica, e precisa comer. Por mais doce que seja o cheiro das flores nos domingos de missa, são os espinhos que o católico encontra nos outros dias da semana é que incomodam. E por isso a Igreja muda.

#

A 76 INAPALAYEL

Capítulo V

A FÉ INABALÁVEL

Quando realizamos a pesquisa oral que compõe um dos instrumentos de análise utilizados em nosso trabalho, nos deparamos com uma personagem que modificou sensivelmente a construção de nosso raciocínio de crítica à religião. Não abandonamos as idéias que trouxemos até o momento – mesmo porque qualquer objeto passível de estudo admite vários enfoques -, mas acrescentamos um novo modo de ver o catolicismo. A religião pode ser “necessidade” de pessoas com suas ilusões, pode ser busca de respostas para problemas cotidianos, e ter em alguns momentos favorecido a alienação. Mas é também socialização, e cultura.

“Sabe-se há muito tempo que os primeiros sistemas de representação que o homem fez para si do mundo e de si mesmo são de origem religiosa. Não que a religião não seja uma cosmologia, ao mesmo tempo que uma especulação do divino. Se a filosofia e as ciências nasceram da religião, é que a religião, por sua vez, começou por ocupar o lugar das ciências e da filosofia. Mas o que tem sido menos observado é que ela não se limitou a enriquecer de um certo número de idéias um espírito humano previamente formado; ela contribuiu para formá-lo a

ele próprio"²⁴ (grifos nossos). Então a religião, também a católica, não é apenas algo que o homem aprende durante a vida, mais uma das impressões sociais que ele retém. Ela ajuda a construir esse próprio tipo de vida, está implícita na construção desse mesmo homem. Antes de fazer parte do modo de vida real do fiel, a religião insere-se em seu contexto como também formadora de sua cultura, e agente presente no seio dos desdobramentos sociais.

#

A nossa personagem é Maria Vicença Moreira dos Santos, a Dona Vicença. 71 anos, viúva, analfabeta, diabética, e sofre de trombose. Teve uma das pernas amputadas e por isso se locomove em uma cadeira de rodas. Criou seus próprios filhos e mais quatorze adotivos, vivendo hoje praticamente abandonada. Como se tudo isso fosse de uma irrelevância gritante, é fácil notar em seu rosto a paz, a tranquilidade; fácil também vê-la sorrir, um riso gostoso, de quem está de bem com a vida. E ela tem fé, muita fé.

...óia meu filho, a minha base, minha situação é essa (e bate com as mãos na cadeira de rodas) ...então, eu na cadeira de roda pra mim não é difícil, eu num disispero, eu são tão calma. Tem os probrema aí, eu sou diabética, tanta coisa, mais pra mim, é mesmo que, é mesmo que eu sê uma pessoa sadia,

²⁴ DURKHEIM, Émile. *Sociologia da Religião e Teoria do Conhecimento*. In: *Coleção Grandes Cientistas Sociais - SOCIOLOGIA* - (org. José Albertino Rodrigues). São Paulo: Ática, 1995, p.154.

forte, andando por aí igual eu já fui, pra mim é a mesma coisa...eu tenho firmeza...e eu tenho muita fé em Deus...*.

A escola Dona Vicença não frequentou, porque, segundo ela, o pai não aceitava que nenhum dos filhos estudasse. ...naquela hora a escola do mundo era o trabalho... Tudo o que ela aprendeu sobre o catolicismo foi através da família, minha família meu filho, meu pai, minha mãe, meus avós, era da igreja...e me ensinaram, inclusive ensinou prá família toda sabe, dos padres, com os padre, e por sua própria vontade de saber mais, quando convidava e ainda convida algum vizinho que possa ler o Livro Sagrado para ela.

Dona Vicença não conhece a Bíblia pessoalmente – porque não sabe ler -, mas demonstra lucidez e certa segurança quando fala dos ensinamentos e histórias bíblicas: A páscoa, então, Jesus nasceu, morreu, prá dá pra nós a salvação. Foi crucificado, foi judiado... A Bíblia para ela, além de ser um livro que conta a história da criação do mundo, e onde se encontram os ensinamentos que devem ser seguidos pelos católicos, funciona também como base de explicação da presente realidade. ...muitas passagem a gente tá vendo, inclusive tirada pela Bíblia; muitas passagem já tá havendo, tá passando, eu credito muito, eu creio mesmo...

O catolicismo que, desde pequeno já vem assim, que ela aprendeu com os pais, é mais do que a crença em um Deus, em um paraíso celeste; a religião insere-se em sua vida de modo prático, como o amigo que ela não tem, ou o remédio que

* Todas as frases em negrito nesse capítulo referem-se à entrevista oral realizada com a senhora Maria

não consegue comprar. ...muita das veis a gente tá assim, numas certa, numas certas hora de apuro, muita coisa assim, a gente chama pela quela fé que a gente tem, chama por ter o santo ou a santa, por Deus, me ajuda! Me vala nessa hora! E, e acode na hora...

Para além desse caráter de necessidade, a religião católica teve na vida de Dona Vicença – e também na de outros católicos – importante papel no processo de socialização dela. Em seu discurso é constante o sentimento de solidariedade, de forma que ...eu rezo pelos necessitados, que hoje tá muito. Mesmo em seu entendimento da doutrina católica, da composição do mundo pós vida, estão presentes sentimentos como a aversão às injustiças, ...o inferno, o inferno é praquelas pessoas que de repente ofende muito o semelhante.

Além dos efeitos, negativos ou positivos, que o catolicismo e as religiões em geral possam provocar na vida social de seus fiéis, é preciso entendê-las também como representações coletivas, como representações de uma sociedade real, que vive de determinado modo. Assim, como diz Durkheim, "...a religião é uma coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que não nasceram senão no seio de grupos reunidos e que estão destinados a suscitar, a manter ou refazer certos estados mentais desses grupos".²⁶ No caso de Dona Vicença, as representações religiosas participam de forma abrangente em sua vida. Analfabeta, e criada em uma época em que a presença dos valores religiosos era

maior que em nossos dias, os conceitos que ela possui de valor, de moral, e o próprio modo como encara a vida estão repletos de um caráter religioso. Ainda hoje, se as representações religiosas estão inseridas em um contexto social, elas são as representações dos indivíduos que vivem nesta sociedade. O caráter então do valor da religião não existe apenas quando a sua ação está envolvida na ação social, mas também na própria formação da sociedade.

Para saber se as representações religiosas no universo mental do fiel podem ser “positivas” ou “negativas” para ele próprio, é preciso entender que isso vai depender também de como funcionam as relações sociais do meio ambiente em que vive. Os valores religiosos inseridos em determinada cultura podem tanto servir à alienação como à resistência e ao fortalecimento do indivíduo dentro dela. Podemos dizer que grande parte desse “fortalecimento” advém de uma sociedade que exclui, onde a religiosidade pode funcionar como única via de esperança em um futuro de menores dores. Mesmo que a angústia e a tristeza do homem sejam uma constante no mundo do capitalismo, ainda existe Deus.

#

Por que a importância deste estudo, e o exemplo de Dona Vicença? Simplesmente porque é essa sociabilidade proporcionada pela religião, essa cultura, que ela herdou em grande parte do catolicismo, é que a faz forte, ter

esperança, e acreditar em um mundo melhor. Quantos de nós, que nos debruçamos nos livros científicos, procurando a razão das coisas, teríamos a força e a serenidade de enfrentarmos os dias, em condições como as dela?

Gramsci, citado por Hugues Portelli em seu livro *Gramsci e a Questão Religiosa*, diz que “A opinião corrente é a seguinte: não se deve destruir a religião se não houver alguma coisa a colocar no lugar na alma dos homens. Mas como fazer compreender isso quando se produziu uma substituição e a realidade antiga pode ser destruída?”²⁶ Mas na verdade, o que importa não é fazer uma substituição, mesmo se isso fosse possível. Se tirássemos o catolicismo de Dona Vicença, o que aconteceria? Com quase certeza ela morreria, por perder todos os parâmetros que regem a sua existência. Entretanto, o interessante anda por outro caminho. Não é a construção da cultura presente que deve ser mudada sozinha, senão também o funcionamento de nosso sistema social. É claro que isso poderia passar por uma mudança cultural, mas como impedir o homem de pedir ajuda a Deus, se os seus semelhantes lhe viram as costas?

Poderíamos falar em um mundo sem religião – como queria John Lennon –; no entanto hoje isso equivaleria a falar de um caos cultural. A dificuldade está na “necessidade” das religiões. É como afirmou Durkheim: “Não existe pois, no fundo, religiões que sejam falsas: todas respondem, ainda que de diferentes

²⁶ GRAMSCI, Antonio. Op. cit. p.32. A respeito dessa “destruição da realidade” o próprio Gramsci explica que o catolicismo “...só se torna ópio do povo depois da Contra Reforma, e sobretudo a partir da Revolução Francesa, onde, como suporte ideológico de uma classe vencida – a Aristocracia Feudal –, tornou-se “múmia” e não exprime mais as necessidades reais das massas que controla. A partir daí, a ideologia religiosa torna-se um freio à iniciativa das massas, à sua emancipação ideológica e política, mantendo-as na passividade”. (p.31)

modos, a determinadas condições da existência humana".²⁷ Se o homem precisa de um relacionamento com o Criador, que essa relação aconteça. O que nos parece complicado é ele ter que pedir a Deus os elementos para a sua sobrevivência, elementos que lhe foram roubados a moldes bem terrestres. No berço de nossa cultura deveríamos aprender mais do que a crítica do que é certo ou errado no campo do pensamento; há que se dar valor aos bons sentimentos, porque muita gente carece deles.

Temos muito a fazer para que o mundo possa ser melhor. Se alguns pensam que a influência "perniciosa" do catolicismo é que deveria deixar de existir, então que reflitam sobre algo mais. Se o que vêm não é bonito, então porque só vêm? Os caminhos são diversos, mas é preciso caminhar por algum deles. A Dona Vicença está lá, em sua casa, pedindo por alguém que converse com ela.

Considerações finais

²⁷ DURKHEIM, Emile. Op. cit. p. 149.

Considerações finais

*Homo sum, humani nil a me alienum puto*²⁸

Voltaire

Apesar da citação, muito do homem ainda nos é estranho. Se possuímos o espírito da investigação, e se nos debruçamos sobre o viver da humanidade para buscarmos explicações, mesmo assim perdemos nesse caminhar impressões reais sobre o nosso objeto de estudo, realidades que a posição de nosso olhar não nos permite enxergar.

Uma das razões para esta “perda” é o fato de existir uma pré-definição do que vamos estudar, uma abordagem específica, que levanta os problemas que por vezes nos incomodam. Isso é ruim, por um lado, quando procuramos na pesquisa apenas as perguntas para as respostas que nós já criamos. Mas também é bom, porque demonstra um certo incômodo com alguns aspectos do funcionamento de nosso sistema social, um olhar crítico definido, sobre algo ou alguém que, de uma forma ou de outra, possa ter trazido ou ainda traz prejuízos para a realização da felicidade humana. Ainda que ao final do trabalho o resultado seja diferente daquele que às vezes esperamos, mais um ponto para nós, pelo esclarecimento e pelo aprendizado; e mais um ponto também para o homem em geral, que pela investigação aprende a se conhecer melhor.

²⁸ Sou homem, e nada do que é humano me é estranho.

Não devemos nos preocupar em sermos parciais, porque nunca conseguiremos ser totais. A nossa preocupação não deve ser a de criar todo o conhecimento, senão transformar aquele que podemos em uma contribuição para a mudança social. Não é a filosofia dos homens que é vã; são as ideologias sociais que transformam os sonhos e tiram das pessoas a condição para se tornarem humanas. E se há muito entre o céu e a terra, é mais um motivo para continuarmos. Os segredos das águas e das terras são grandes, como grande deve ser nossa curiosidade, e nossa vontade de descobrir mais, para que possamos dar aos homens o direito de viverem melhor.

Não há o erro absoluto, é a relatividade das impressões que constrói a realidade. Qualquer que seja o movimento da sociedade, devemos nos lembrar que os olhos que enxergam o viver não estão todos em nosso próprio rosto, e que as dores produzidas na vida são sofridas por mais corpos que os nossos próprios. Assim, qualquer crítica relacionada às atitudes reais dos homens deve ter em mente a construção e funcionamento do ambiente social onde **aquele** homem vive.

Mais do que dizer se isto ou aquilo é certo ou errado, às vezes poderíamos nos perguntar qual foi a nossa contribuição para o atual estado de coisas.

Descobrimos muito estudando o catolicismo no cotidiano. Conhecemos um pouco mais sobre os homens e suas necessidades, suas perguntas. Observamos a sua resistência, e sua esperança em um mundo melhor. Aprendemos que a religião, parte de nossa cultura, possui aspectos variados quando inserida na vida das pessoas. O problema não se coloca se algo deve ou não existir: os "porques" da

existência e o seu funcionamento é que importa. E a nossa luta não deve ser com a "religião fruto da alienação", mas contra o homem que explora, oprime e humilha. A aceitação do "foi por que Deus quis" talvez não existisse se as dores evitáveis não ocorressem. Ao contrário de fecharmos as portas das igrejas, poderíamos trabalhar para abrímos o coração da humanidade.

Bibliografia

- Bibliografia*

Bibliografia

- 1997

- ALBERTI, Verena. *História Oral – A Experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1990, 193p.
- **BÍBLIA SAGRADA** (edição pastoral). São Paulo: Paulinas, 1990, 1631p.
- GARCIA, Regina Leite. A Educação numa plataforma de economia solidária. In: *Revista Proposta*, n/74, 1997, p.51.
- DURKHEIM, Émile. *Sociologia da Religião e Teoria do Conhecimento*. In: **Sociologia – Coleção Grandes Cientistas Sociais** (org. José Albertino Rodrigues). São Paulo: Ática, 1995, 203p.
- FREI BETTO. *Catecismo Popular*. São Paulo: Ática, 1992, 262p.
- FREMANTLE, Anne. *Idade da Fé*. In: *Biblioteca de História Universal Life*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1970, 192p.
- GRAMSCI, Antonio. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Martins Fontes.
- LOPREATO, Christina da Silva Roquette. *Milagres da Fé*. Campinas: Editora Da Unicamp, 1999, 128p.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Sobre a Religião*. Lisboa: Edições 70, 1972, 397p.
- MATOS, Henrique Cristiano José. *Caminhando Pela História da Igreja*. Belo Horizonte: O Lutador, 1995, 180p.
- PIERUCCI, Antônio Flávio e PRANDI, Reginaldo. *A Realidade Social das Religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- PORTELLI, Hugues. *Gramsci e a Questão Religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1984, 186p.
- VILLA, Marco Antonio. *Canudos – O Povo da Terra*. São Paulo: Ática, 1997.